

# 1 Introdução

A utilização dos sufixos avaliativos<sup>1</sup> no português do Brasil, tendo especialmente em vista seu ensino a aprendizes não-nativos desta língua, constitui o tema desta dissertação. Embora exista um grande número de sufixos desse tipo, chamados pela GT (gramática tradicional) de *augmentativos* e *diminutivos* (como, por exemplo, *-anço*, de *falhanço*; *-arrão*, de *santarrão*; *-astro*, de *poetastro*; *-ito*, de *copito*; *-ico*, de *veranico*; e *-isco*, de *chuvisco*)<sup>2</sup>, optamos por abordar apenas os mais produtivos, isto é, *-(z)ão*, *-(z)aço* e *-(z)inho*, bem como suas respectivas formas femininas, *-(z)ona*, *-(z)aça* e *-(z)inha*,<sup>3</sup> uma vez que nosso interesse é a língua portuguesa atualmente em uso. Portanto, sempre que utilizarmos o termo *sufixos avaliativos*, estaremos nos referindo somente a esses mais produtivos.

Em nossa primeira experiência no ensino de PL2E (Português como Segunda Língua para Estrangeiros)<sup>4</sup> no curso intensivo da PUC-Rio, ouvimos dos alunos muitas narrativas sobre dificuldades e inadequações encontradas durante uso dos sufixos avaliativos. Muitos professores também comentavam acerca da superficialidade com que os materiais didáticos tratam do assunto e da lacuna de estudos existentes sobre o tópico, o que dificulta seu ensino. Perini (2002, pp.560-2), em seu *Portuguese: a reference grammar*, dedica um tópico do capítulo sobre derivação e formação de palavras aos sufixos em questão. Ao concluí-lo, ressalta:

as notas acima oferecem apenas uma idéia mínima da complexidade dos usos de que aumentativos e diminutivos são capazes. Infelizmente, esse interessante problema não tem sido estudado a fundo, de maneira que o máximo que se pode fazer é mencionar o uso dos aumentativos e diminutivos como uma das áreas da gramática portuguesa merecedoras de particular atenção pelo estudante (*ib.*, 2002, pp.562, tradução nossa).<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Termo proposto por Rocha (1998, p.198) para descrever os morfemas que a gramática tradicional (GT) denomina de *augmentativos* e *diminutivos*. Tendo em vista sua maior coerência com as funções exercidas pelos sufixos *-(z)inho*, *-(z)ão* e *-(z)aço*, adotaremos o termo *sufixos avaliativos* em lugar daquele proposto pela GT.

<sup>2</sup> Exemplos retirados de Bechara, 2004, pp.361-2.

<sup>3</sup> Sobre a produtividade dos sufixos avaliativos, cf. Santos, 2002, e Barreiro, Pereira e Santos, 1993.

<sup>4</sup> Sigla proposta por Meyer (2005, p.79) e adotada nos cursos de PL2E da PUC-Rio.

<sup>5</sup> *The above notes give only a slight idea of the complexity of the usages of which augmentatives and diminutives are capable. Unfortunately, this interesting problem has*

Pretendemos, então, reduzir a carência de uma investigação mais profunda acerca do emprego dos morfemas avaliativos *-(z)ão*, *-(z)aço* e *-(z)inho*, analisando-os sob a ótica da GFD (gramática funcional do discurso), recentemente proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008) a partir da teoria da gramática funcional de Dik (1997b). Para tanto, utilizaremos um corpus coletado de entrevistas realizadas pela *Revista Caros Amigos*, que as publica com pouca edição, mantendo-as bastante próximas à fala. Acreditamos que este gênero nos forneça uma amostra atual e autêntica do português falado no cotidiano brasileiro.

Os entrevistados escolhidos são duas personalidades bastante diferentes: o presidente Lula e o teólogo Leonardo Boff. Como sabemos, um é conhecido por sua pouca escolaridade e grande popularidade, especialmente entre os brasileiros menos escolarizados; o outro tem livros publicados, é doutor, professor universitário, lido e admirado ou criticado por pessoas de maior escolaridade. Como esses dois discursos abarcam formas de empregar a língua tanto de brasileiros com maior quanto daqueles com menor escolaridade, parecem-nos adequados para ilustrar o português falado no Brasil em geral. Além disso, nessas duas formas distantes de empregar a língua, revelou-se um interessante aspecto dos sufixos avaliativos: são utilizados igualmente tanto no português considerado padrão como naquele que desvia da norma. Por fim, optamos por uma metodologia qualitativa para análise desse corpus, uma vez que focamos o contexto cultural e a situação da interação lingüística em que ocorrem os usos das formas estudadas.

## 1.1 Relevância

Formar e utilizar palavras constituídas por *-(z)ão*, *-(z)aço* ou *-(z)inho* no português do Brasil é tarefa corriqueira para o falante nativo, que tem a cultura

---

*not been studied in depth, so that one can do is to mention the use of augmentatives and diminutives as one of the areas of Portuguese grammar deserving particular attention by the student (ib., p.562).*

deste país internalizada, indicando claramente as regras de uso de tais formas. No entanto, o estrangeiro carrega em si uma cultura outra e, portanto, outras regras de interação com o mundo.

Para acrescentar tais morfemas a substantivos, adjetivos, advérbios ou a participípios e identificar o significado expresso por essas formações dentro da oração basta aprender as regras prescritas pela GT. Isto quer dizer que o ato de formar e apreender o sentido das formas avaliativas em *-(z)ão*, *-(z)aço* ou *-(z)inho* não oferece grandes obstáculos ao aprendiz não-nativo. O problema reside, na verdade, em utilizá-los fora da sala de aula, onde diversos fatores extralingüísticos, como o tipo de situação, a hierarquia entre os falantes e outros, passam a interferir no uso da língua.

Como veremos no capítulo seguinte, em grande parte das GT's e dos livros didáticos (LD's) para aprendizes não-nativos e mesmo daqueles para estudantes nativos, a descrição dos afixos em questão não leva em consideração a incidência desses fatores, limitando-se a aspectos semânticos e morfossintáticos. Em consequência, (1) os falantes não-nativos do português do Brasil tendem a enxergar a utilização das formas avaliativas de maneira um tanto obscura e complexa, o que os leva a não utilizá-las ou a fazê-lo de maneira inadequada, e (2) o nativo, embora saiba empregá-los, permanece com uma perspectiva estreita acerca desses morfemas tão ricos, como veremos no Capítulo 4, sobre a análise dos dados.

Enfim, ao colocar tais elementos de nossa língua materna sob a ótica do estrangeiro, aspectos seus a que nunca antes havíamos atentado nos são revelados, permitindo-nos caracterizá-los de um modo mais completo. Assim, além de contribuir para uma maior eficiência de seu processo de ensino-aprendizagem na área de PL2E, também ampliaremos a perspectiva do falante nativo acerca desse aspecto de sua própria língua.

## 1.2

### Hipóteses e objetivos

A principal hipótese com que trabalharemos vai ao encontro da seguinte afirmação de Alves: “fatores conceituais e estratégias comunicativas também

podem ser codificados na unidade lingüística *palavra*” (2006, p.694). Acreditamos que o simples acréscimo de um afixo avaliativo a um lexema de base vai muito além da morfossintaxe e mesmo da expressão de noções semânticas. O uso desses sufixos constrói significados que incidem no discurso, na realidade pragmática.

Pretendemos demonstrar que os sufixos *-(z)ão*, *-(z)aço* e *-(z)inho* e suas formas femininas constituem, antes de tudo, estratégias discursivas para expressar algum tipo de avaliação ou sentimento (por exemplo, admiração, depreciação, afeto ou escárnio), seja em relação ao objeto significado pela base, seja em relação ao interlocutor ou mesmo à situação comunicativa. A noção de aumento ou diminuição que esses afixos carregam é, portanto, secundária, o que nos leva a questionar a nomenclatura tradicional *aumentativos* e *diminutivos* e, desta forma, ratificar a proposta de Rocha (1998), que exporemos mais detalhadamente no próximo capítulo, ao revisar a literatura sobre o tópico.

Outro ponto a ser posto em xeque diz respeito à classe de palavras a que esses sufixos são acrescentados. Em geral, são apresentados pelas GT's e os LD's em relação direta com os substantivos, apesar de serem amplamente empregados com os adjetivos, os advérbios e mesmo com os participípios e os pronomes. Por que caracterizá-los como *grau do substantivo* se esses morfemas se empregam também com tantas outras classes de palavras?

Em suma, são estas as hipóteses que pretendemos testar quanto aos morfemas *-(z)ão*, *-(z)aço* e *-(z)inho*: (I) seu uso extrapola os níveis morfossintático e semântico, constituindo estratégia discursiva; (II) eles traduzem menos a idéia de aumento ou diminuição do que a de avaliação ou sentimento e (III) são acrescentados a adjetivos, advérbios, participípios e pronomes tanto quanto a substantivos.

Ao analisar funcionalmente os sufixos avaliativos, tentaremos sistematizá-los com base na teoria da GFD (Hengeveld e Mackenzie, 2008). Acreditamos que, com isso, facilitaremos o processo de ensino-aprendizagem dessas formas na área do PL2E, bem como contribuiremos para um conhecimento mais amplo, pautado no uso, desses afixos no campo do PLM (português como língua materna). Em outras palavras, nossos objetivos específicos são analisar e sistematizar o emprego

dos morfemas em questão, o que nos levará a alcançar o objetivo maior, ou geral, de aprimorar seu ensino e sua aprendizagem tanto em PL2E quanto em PLM.

#### 1.4

#### **Organização do trabalho**

Além desta introdução, nosso trabalho se constitui de outros seis capítulos. No Capítulo 2 revisamos, com um olhar crítico, boa parte da literatura referente aos sufixos em xeque. Preocupamo-nos em abordar diferentes perspectivas de tratamento do assunto, a saber: a tradicional (representada neste trabalho por Bechara, 2004, e Cunha e Cintra, 1985), que consagrou a nomenclatura *aumentativos* e *diminutivos*; a de Perini, em sua gramática para não-nativos; a de três LD's, sendo dois de PLM e um de PL2E; e, por fim, a de estudos alternativos sobre os morfemas avaliativos, como os de Basilio (2008), Alves (2006) e Rocha (1998), além de outros não menos relevantes. Em seguida, no terceiro capítulo, apresentamos os principais conceitos que fundamentam nossa análise dos dados, ou seja, aqueles referentes à teoria funcionalista de língua (Dik, 1989) e os que formam, a partir dela, a moderna GFD (Hengeveld, 2004).

Já no Capítulo 4 partimos para os aspectos metodológicos que perpassam essa mesma análise, enquanto no quinto capítulo procedemos ao estudo propriamente dito do corpus selecionado. Finalmente, no Capítulo 6 tentamos sistematizar, a partir do que foi estudado na seção anterior e com auxílio do modelo oferecido pela GFD, os aspectos preponderantes no emprego dos morfemas *-(z)ão*, *-(z)aço* e *-(z)inho*. As referências bibliográficas a que recorreremos constam do sétimo e último capítulo da dissertação. Ao final de tudo, anexamos a íntegra do corpus de análise, bem como as tabelas e figuras a que nos referimos ao longo dos capítulos.